

Grupo de Pesquisa Núcleo Vilém Flusser

Michael Hanke

Apresentação

O Grupo de Pesquisa Núcleo Vilém Flusser (NVF), apresentado a seguir, faz parte das atividades do coordenador do grupo, o Prof. Dr. Michael Hanke, que conduz uma Bolsa de Produtividade em Pesquisa apoiada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), com vigência para o período de 1/8/2003 a 31/7/2006. O projeto é dedicado ao tópico “Vilém Flusser e a Comunicologia – Ciência dos Media e da Comunicação”, e o NVF tem como propósito reunir outros pesquisadores, professores e alunos de mestrado e da graduação interessados em participar e contribuir para os estudos em comunicação e media a partir da respectiva pesquisa.

Justificativa

A entrada na era dos media e comunicação digitais e as profundas modificações das sociedades modernas colocam a ciência da comunicação perante novos desafios. A análise dessa mudança dos meios de comunicação de massa necessita, por um lado, de um aparelho conceitual refletido filosoficamente e, por outro, de uma elaboração empírica por parte das ciências sociais. Como modelo empírico e teórico para analisar e descrever esta mudança dos meios de comunicação de massa através da digitalização de um ponto de vista social, teórico-cultural e de estética de media, propomos aqui a comunicologia – ciência dos media e da comunicação desenvolvida pelo tcheco-brasileiro Vilém Flusser.

O conceito cunhado por Flusser nesse contexto teórico de comunicologia (1998 a) e da “Cultura dos media” (1997) lida com o desenvolvimento dos media, particularmente dos medias técnicos e de imagem: fotografia, filme, televisão e computador. Assim, Flusser pergunta pelas possibilidades de análise dos processos comunicativos em relação às modificações introduzidas pelos meios técnicos. Esses influenciam decisivamente a comunicação, pois desenvolvem códigos próprios, que não apenas se somam aos processos de troca tradicionais, mas os modificam fundamentalmente. Flusser

desenvolveu as idéias principais de sua teoria dos media já nos anos 70, antecipando surpreendentemente tanto o desenvolvimento dos media quanto a ciência relativa a ela que só se desenvolveu no começo dos anos 90. As idéias de Flusser foram percebidas, particularmente na Alemanha, como centrais desde o início, embora também como elaborações teóricas idiossincráticas e não isentas de contradições (Hanke 2004a, 2004b).

As razões para o significado do pensamento de Flusser podem ser expressas em três pontos: em primeiro lugar, Flusser desenvolve, como um dos pioneiros, uma genuína e complexa teoria dos media nas circunstâncias modernas. Ou seja, trata-se menos de análises de conteúdo e de crítica ideológica, que abordam os meios de comunicação de massa a partir de fora, do que das condições tecnológicas que determinam a comunicação e até mesmo a produzem em vários aspectos. Desde cedo, Flusser colocou uma ciência dos media orientada histórica e tecnicamente no cerne de suas reflexões.

Em segundo lugar, Flusser concebeu as modificações dos media histórica e culturalmente. Ele investiga, assim, de modo semelhante à escola de Toronto (Harold Innis, David Havelock, Marshall McLuhan), períodos históricos determinados pelos media, que ele tentou conceber, desde as sociedades pré-históricas, orais e imagéticas, passando pelas apoiadas na escrita até as culturas influenciadas pela aparelhagem técnica, também como um modelo de evolução. Suas teses sobre o desenvolvimento das imagens tiveram um impacto extraordinário entre os teóricos, uma vez que as novas formas de imagem não eram mais compreensíveis com os conceitos tradicionais nos media técnicos modernos. A diferença que Flusser vê entre as imagens tradicionais e modernas reside no fato de que, antigamente, as imagens eram codificações por intuições, enquanto as modernas por conceitos tecnologicamente produzidos.

Em terceiro lugar, os escritos de Flusser não se esgotam em investigações do condicionamento técnico, mas mostram uma peculiar oscilação entre a descrição das transformações condicionadas tecnicamente e as observações inspiradas pela fenomenologia. Por um lado, os media técnicos de imagem produzem códigos e conceitos próprios que se manifestam em imagens; por outro lado, Flusser trabalha sempre com a questão se, frente a esses processos autoproduzidos, a autonomia humana consegue se afirmar e como os sinais dessa autonomia podem ser extraídos de uma aparelhagem que produz um mundo com lógica própria.

A Comunicologia de Flusser

O termo “Comunicologia” é uma tradução do título do livro “Kommunikologie”, publicado em alemão (1998), e ao mesmo tempo o nome que Flusser deu à sua teoria sobre a comunicação humana. A “Comunicologia” trata das formas e dos códigos dessa comunicação, que é definida como processamento, armazenagem e divulgação de informações já existentes, assim como da criação da informação nova.

Comunicação, segundo Flusser, sempre depende dos media, e talvez a maior descoberta realizada por ele foi a de perceber que qualquer media possui uma lógica própria, ou seja, que um media transmite informações sobre a realidade segundo leis próprias. Se mudamos a estrutura dos media, mudamos também a informação e, assim, a realidade percebida.

Pode-se dizer que, talvez, a idéia da lógica particular dos media já estivesse presente de forma embrionária no primeiro livro *Língua e Realidade* (1963), reeditado recentemente (São Paulo, Annablume 2004). Aqui, a língua é concebida não só como mapa da realidade (ecoando Wittgenstein), mas como algo que compõe um “feedback” da realidade, possibilitando uma percepção ontológica, epistemológica e estética da realidade, conforme resume o próprio Flusser (1999a: 144-45). Naquela época, marcado pela Filosofia da Linguagem, Flusser considerou o diálogo como essência da língua, uma idéia estimulada também pela leitura de Martin Buber, filósofo judeu. A língua se efetiva na conversa e “*é sinônimo de intelecto se definida como ‘campo no qual se dão organizações de palavras’*” (Lafer, 1999: 7). Daí que o “*interior impenetrável*” do homem “*produz constantemente símbolos e estruturas ordenadas*” (Flusser 1999a: 240), como já observou Cassirer, que cunhou a expressão do ser humano como *animal symbolicum*. Flusser se encaixa, assim, na tradição semiótica, uma das fontes principais da ciência da comunicação.

Flusser ainda foi um dos primeiros a perceber as conseqüências da revolução causada pela nova tecnologia dos media e informação, e se tornou “*o único filósofo que assumiu, cedo e sem quaisquer reservas, o desafio de um futuro moldado pela mídia ..., começando por sua filosofia da fotografia.*” (Ströhl 2000: 58-59). Modificando Marx, ele considera não mais a propriedade e a economia, mas a informação e a comunicação como aquilo que confere poder e constitui a infra-estrutura da sociedade. (Flusser 1997: 155) Identifica duas revoluções industriais: a primeira que mudou o trabalho e a segunda, iniciada pela fotografia e telegrafia, que mudou a comunicação. Também a última afetou as relações sociais, e junto com os media transformam-se os códigos que operam nelas. Segundo ele, a revolução dos códigos causada pela TV, computador e vídeo seria tão profunda como a revolução causada pela máquina a vapor (1998a: 236). Naquela época Flusser considerou que estávamos no meio desse

processo de mudanças e rupturas, e por causa disso precisando de uma ciência dos media e da comunicação. Igualmente, como a tecnologia trata a primeira revolução, a “comunicologia” deveria tratar a segunda, a dos *mass media* e imagens técnicas. Para entender essa nova revolução cultural é necessário analisar o nível no qual ela se realiza, ou seja, o nível da comunicação. (1998a: 235-36, 265).

No livro “Cultura dos media” (“Medienkultur”), Flusser descreve o estado atual da sociedade e a revolução comunicacional, assim como a sociedade da informação telemática e as transformações de espaço e tempo. Aqui estão inseridas as teorias de imagem que tratam da relação *mundo - imagem - texto - imagem técnica* e desenvolvem uma fenomenologia da fotografia, filmes, vídeo, televisão e cinema. A proliferação das imagens e a tendência atual na sociedade moderna de apresentar cada vez mais informação em imagens audiovisuais em vez de textos (Manovich 2001: 78), processo que recentemente vem recebendo atenção científica sob o título de “*virada pictorial*” (“*iconic turn*”), cunhado por T. J. W. Mitchell em 1994, foi antecipada por Flusser, pois constava na sua obra a reflexão sobre a crescente preponderância das imagens técnicas como meios de comunicação. Nessa época, denominada por ele “*pós-histórica*”, conceito que parte de uma mudança de paradigmas nos códigos com os quais nos comunicamos (e não deve ser confundido com “*pós-modernidade*” (cf. Ströhl 2000: 49-54)), os sistemas de escrita são substituídos pelas imagens técnicas, num “*processo circular que retraduz textos em imagens*” (Santaella 2000: 125), produzindo ameaças à sociedade; de tal forma que a crítica da comunicação e das imagens de Flusser se apresenta como uma crítica da sociedade e da cultura. Assim Flusser diagnostica, já naquela época, o colapso dos textos e a hegemonia das imagens nas sociedades pós-históricas: na “*revolução das imagens técnicas*”, elas “*passam a ser ‘falsas’, ‘feias’ e ‘ruins’; além de não terem sido capazes de reunificar a cultura, mas apenas de fundir a sociedade numa massa amorfa.*” (Flusser 1998b: 38) Apesar de não ter recebido nenhuma influência da Teoria Crítica e do conceito de indústria cultural, essa posição flusseriana fica muito próxima dessa abordagem, como foi destacado recentemente (Duarte 2002).

O ramo da pesquisa da teoria da imagem coloca o conceito da tecno-imagem no centro das investigações (Behrens et al.). Em um primeiro momento deve-se precisar a diferença entre os media analógicos (fotografia e o filme) e os digitais (em parte televisão e o computador) em conexão com as idéias de Flusser. Ele descreveu os diversos media tanto em particular quanto em conjunto. Os diversos media técnicos convergem no fato de não produzirem imagens e códigos como conceitos aprendidos lingüisticamente. O termo “código” possui aqui uma colocação central. Ele não é entendido por Flusser apenas em termos semióticos, mas sim como uma constelação conceitual produzida pelos aparelhos. Imagens são, portanto, não apenas teorizáveis, o que, por si só, já seria

uma tese surpreendente, mas a teoria é por assim dizer imanente às imagens dos meios de comunicação de massa, da fotografia até o computador. Desse modo, Flusser toca em um ponto extremamente sensível da teoria da imagem, em que se delineiam argumentos que não se esgotam em conceitos de imagem ideológicos, semióticos e iconográficos. Assim, o surgimento dos media digital e o discurso do “universo das imagens técnicas” não significa o fim delas, mas sim uma nova cultura imagética, que se realiza nas interseções da intuição e dos conceitos abstratos. Nesse momento entra em jogo também os media populares — sobretudo a televisão, que é um meio difícil de se compreender em diversos aspectos, pois se comporta visivelmente de modo transversal às representações usuais de arte e cultura popular, imagem e de sua destruição, representação e simulação, e coloca uma exigência peculiar à teoria da imagem.

A partir daí resulta uma dupla direção para a pesquisa: primeiramente, um delineamento da conceitualidade dos media técnicos de imagem em Flusser; em segundo lugar, a comparação das idéias de Flusser com teorias da imagem atuais sobre os media eletrônicos.

Além disso, com a digitalização da televisão, está ocorrendo atualmente uma mudança dos media que permite, de modo exemplar, a investigação da pergunta sobre os efeitos retroativos e atuais da digitalização sobre os medias clássicos.

Flusser dedicou diversas contribuições às assim chamadas tecno-imagens nos quadros de sua teoria dos media e atribuiu à televisão várias vezes uma acentuada importância nos medias de imagem (Flusser 1977, 1995b, 1991 a). É característico da “revolução cultural contemporânea”, tal como Flusser diagnostica, a passagem para a assim designada sociedade da informação telemática, que se torna uma forma de sociedade bastante diferente daquela dos media de massa (1999: 147). Ambas diferenciam-se em sua estrutura comunicativa: a sociedade dos media de massa é caracterizada por uma estrutura comunicativa unidirecional no interior do meio (emissor e vários receptores sem possibilidade de réplica); a sociedade de informação telemática é, ao contrário, caracterizada por estruturas de rede (emissor e receptor com réplicas interativas). Flusser interpreta isso como um “interruptor de cabo” diferente, que conduz a uma revolução na comunicação.

Flusser especula que a atual “decepção com a televisão”, causada pelo direcionamento comunicativo unilateral, é um fenômeno passageiro; talvez a televisão devesse “ser apenas comutada de modo diferente, a fim de conservar a promessa existente em sua sílaba inicial ‘tele’” (1995a: 214). Com a oferta de bancos de dados digitais variados, possibilitada pela digitalização, a televisão não apenas se transformaria de um sistema fechado em um aberto, mas também se realizaria a idéia de Flusser de uma possibilidade de desenvolvimento futura desse meio: a acoplagem com um computador em uma rede televisiva aberta (1997: 121). A partir disso resultam os seguintes planos de

pesquisa: uma elaboração sistemática da teoria de Flusser sobre a televisão, tal como presente em suas reflexões acerca da estrutura comunicativa da sociedade de informação telemática e em sua teoria da imagem e dos media, assim como uma verificação empírica a partir das primeiras formas da televisão digital. E, finalmente, Flusser afirma que a televisão funcionaria na Europa e nos países emergentes fundamentalmente do mesmo modo (1997: 106). Partindo dessa hipótese flusseriana, um dos focos concretos que motivaram o desenvolvimento do presente projeto e a decorrente formação do Grupo de Pesquisa, é a questão se ela se aplica também para a forma digitalizada da televisão?

Objetivos do projeto

- reunir pesquisadores e alunos interessados de diversas áreas para estudar as contribuições do pensador Vilém Flusser para a Ciência dos Media e da Comunicação, a chamada “Comunicologia”;
- pesquisar a transformação dos media nas sociedades contemporâneas sob os efeitos passados e presentes da progressiva digitalização sobre os meios clássicos (imprensa escrita, rádio, filme e televisão);
- desenvolver e apresentar trabalhos nas seguintes áreas:
 - a) trabalhos dedicados à obra flusseriana, que contribuem para o entendimento da mesma;
 - b) trabalhos que desenvolvem uma comparação entre duas ou mais teorias, sendo uma a teoria de Flusser (Flusser e Teoria Crítica, Flusser e Benjamin, Flusser e McLuhan etc.), ou uma contextualização histórica;
 - c) aplicar a abordagem flusseriana para um estudo de caso de um objeto exemplar (rádio ou televisão digital, arte digital interativo, etc.).

Equipe

A equipe conta com a colaboração dos participantes apresentados em seguinte. Merece ser destacada o caráter interdisciplinar do grupo, reunindo professores das Faculdades de Letras (Dr. Georg Otte) e das Ciências Humanas (Dr. Rodrigo Duarte, da Filosofia), o que deveria contribuir para um crescimento da perspectiva. A integração de alunos nos diversos níveis de doutorado e mestrado (o grupo está aberto para alunos de graduação também) contempla a exigência de integrar no grupo todos os níveis acadêmicos, e contribuir para a integração de iniciantes na pesquisa científica.

Coordenador:

Prof. Dr. Michael Hanke (Comunicação Social, Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG)

Professores participantes convidados:

Prof. Dr. Georg Otte (Letras Germânicas, Faculdade de Letras, UFMG)

Prof. Dr. Rodrigo Duarte (Filosofia, Faculdade de Ciências Humanas, UFMG)

Profa. Dra. Patricia Moran (Comunicação Social, Faculdade de Ciências Humanas, UFMG)

Profa. Dra. Geane C. Alzamora (Comunicação Social, PUC-Minas)

Doutorandos:

Osmar G. Reis Filho (Comunicação Social, UFMG)

Mestrandos:

Carlos-Henrique Santiago (Comunicação Social)

Fernanda C. P. Duarte (Comunicação Social)

Raquel C. O. Costa (Filosofia)

Outros alunos:

Karla Ferreira (Comunicação Social)

É previsto ampliar o número dos membros do grupo.

Cronograma e plano de trabalho**Período de vigência do projeto:**

1º. de dezembro de 2004 até 30 de novembro de 2006 (dois anos).

Panorama da pesquisa:

A partir do 1º semestre 2005 encontros semanais, com apresentações individuais de trabalhos dos membros da equipe, a serem submetidos às críticas do grupo.

2º semestre: continuação das atividades iniciadas no 1º semestre: apresentações de trabalhos dos membros da equipe. Convidar outros pesquisadores brasileiros para participar nas atividades, especificamente que cooperam com a recém fundada “Sociedade Brasileira para estudos sobre Flusser”.

Preparar a realização do congresso “A cultura dos media a partir da perspectiva de Vilém Flusser – recepção e aplicações atuais”, na UFMG em 2007: criar uma página na web, “call for papers”, formar equipes de preparação de congresso, do nível organizacional e conceitual.

1º e 2º semestres 2006: continuação das atividades científicas.

Avaliação das atividades e decisão sobre a questão, se as atividades terão continuidade. Caso sim, de qual maneira.

Bibliografia

- Baitello Junior, Norval (2003): As Quatro Devorações. Iconofagia e Antropofagia na Comunicação e na Cultura. In: França, Vera/Weber, Maria Helena/Paiva, Raquel & Sovik, Liv (eds.). *Estudos de Comunicação. XI Compós*. Porto Alegre: Sulina, 49-58.
- Bernardo, Gustavo & Mendes, Ricardo (eds.) (2000). *Vilém Flusser no Brasil*. Rio de Janeiro: Relume Dumará.
- Behrens, Roger, Bock, Wolfgang, Duarte, Rodrigo, Fahle, Oliver, Hanke, Michael, Ziemann, Andreas: A transformação dos media nas sociedades contemporâneas em uma perspectiva intercultural (Brasil–Alemanha). Proposta de intercâmbio de pesquisadores Brasil–Alemanha no âmbito do programa Probral. Bonn/Brasília 2004.
- Duarte, Rodrigo (2002). Das Lob der Oberflächlichkeit und ihre Kritik. Flussers Medientheorie und die Kulturindustrie-Theorie von Horkheimer und Adorno. In: Schweppenhäuser, Gerd & Gleiter, Jörg H. (eds.). *Rückblick auf die Postmoderne*. Weimar, Bauhaus-Universität: Universitätsverlag, 94-111.
- Flusser, Vilém (1963). *Língua e Realidade*. São Paulo: Herder (2º ed. 2004 São Paulo: Annablume).
- (1973). *La Force du Quotidien*. Paris: Maison Mame.
- (1974). *Le Monde codifié*. Paris: Institut de l'Environnement.
- (1977). Two Approaches to the Phenomenon: Television. In: *The New Television: A Public/Private Art* (ed. by Douglas Davis & Allison Simmons). Cambridge, MA: MIT Press.
- (1981). *Pós-história: vinte instantâneos e um modo de usar*. São Paulo: Duas Cidades.
- (1983). *Für eine Philosophie der Photographie*. Göttingen: European Photography.
- (1985). *Ins Universum der technischen Bilder*. Göttingen: European Photography.

- (1988). *Krise der Linearität*. Bern: Benteli.
- (1992). *Die Schrift. Hat Schreiben Zukunft?* Frankfurt: Fischer.
- (1993). *Dinge und Undinge: phänomenologische Skizzen*. München: Hanser.
- (1994a). *Brasilien oder die Suche nach dem neuen Menschen. Für eine Phänomenologie der Unterentwicklung*. Mannheim: Bollmann.
(Português: *Fenomenologia do brasileiro: em busca do novo homem*. Rio de Janeiro: EdUERJ 1998).
- (1994b). *Gesten. Versuch einer Phänomenologie*. Frankfurt/Main: Fischer.
- (1995). *Lob der Oberflächlichkeit. Für eine Phänomenologie der Medien*. Köln: Bollmann.
- (1996). *Die Informationsgesellschaft. Phantom oder Realität?* Audio-CD. Köln: Editora Supposé.
- (1997). *Medienkultur* (ed. by Stefan Bollmann). Frankfurt/Main: Fischer.
- (1998a). *Kommunikologie* (ed. by Stefan Bollmann & Edith Flusser). Frankfurt/Main: Fischer.
- (1998b). *Ensaio sobre a Fotografia. Para uma filosofia da técnica*. Apresentação de Arlindo Machado. Lisboa: Relógio d' Água.
- (1998c). *Ficções Filosóficas*. Introdução Maria Lilia Leão. Apresentação Milton Vargas. São Paulo: Edusp.
- (1999a). *Bodenlos. Eine philosophische Biographie*. Frankfurt/Main: Fischer.
- (1999b). *Heimat und Heimatlosigkeit*. Audio-CD. Köln: Editora Supposé.
- (2002). *Writings* (ed. by Andreas Ströhl). Minneapolis: University of Minnesota Press.
- (2003a). *The freedom of the migrant. Objections to nationalism* (ed. by Anke Kronenberg). Champaign: University of Illinois Press.
- (2003b). *Absolute* (ed. by Nils Rölller & Silvia Wagnermaier). Freiburg: orange-press.
- Hanke, Michael (2004a). A Comunicologia segundo Vilém Flusser. In: Galáxia. Revista Transdisciplinar de Comunicação, Semiótica, Cultura 7, 59-72.
- Hanke, Michael (2004b). Epistemologia na Teoria da Comunicação de Vilém Flusser. São Paulo (Compós, CD-ROM).
- Hanke, Michael (2004c). The Communication and Media Theory of Vilém Flusser, Pioneer of Brazilian Media Studies. Porto Alegre, International Association for Media and Communication Research (IAMCR).
- Hanke, Michael (2004d): Vilém Flusser sobre cultura dos média e mediações. Congresso Internacional: Mídias: Multiplicação e Convergência. História das Mídias, seus impactos, Re-Significações, Interações. São Paulo: SENAC (no prelo).
- Lafer, Celso (1999). Prefácio. In: Flusser, Vilém. *A Dívida*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 5-16.
- Machado, Arlindo (2000). Atualidade do pensamento de Flusser. In: Bernardo, Gustavo & Mendes, Ricardo (eds.). *Vilém Flusser no Brasil*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 131-143.
- Manovich, Lev (2001). *The Language of New Media*. Cambridge, Mass.: MIT Press.
- Rölller, Nils (2001). Um Platão da Era dos Computadores. *Folha de São Paulo. Mais!*, 16/12/2001, 12-13.
- Santaella, Lúcia: Flusser na virada do milênio. In: Bernardo, Gustavo & Mendes, Ricardo (eds.) (2000). *Vilém Flusser no Brasil*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 117-130.
- Ströhl, Andreas (2000). Flusser como pensador europeu. In: Bernardo, Gustavo & Mendes, Ricardo (eds.) (2000). *Vilém Flusser no Brasil*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 45-80.
- Vargas, Milton (1998). Apresentação. In: Flusser, Vilém. *Ficções Filosóficas*. São Paulo: Edusp, 17-21.
- Vargas, Milton (1999). Vilém Flusser in Brasilien. In: Flusser, Vilém. *Bodenlos. Eine philosophische Autobiographie*. Mit einem Nachwort von Milton Vargas. Frankfurt: Fischer, 279-286.